

ENTREVISTA E CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADOS NA TVE/RS: O PROGRAMA PRIMEIRA PESSOA

INTERVIEW AND CONSTRUCTION OF MEANINGS IN TVE/RS: THE “PRIMEIRA PESSOA” PROGRAM

Laira Ferreira de Campos¹

RESUMO

Este trabalho trata da entrevista e construção de significados no Programa “Primeira Pessoa” da TVE/RS. A pesquisa sobre esse tema leva em conta a amplitude do gênero programas de entrevista na atualidade, aspectos dialógicos e jornalísticos. Com 22 anos de existência e sob a apresentação da jornalista Ivette Brandalise, o programa busca revelar a personalidade de entrevistados dos mais variados segmentos sociais. O objetivo deste trabalho é verificar as potencialidades da entrevista no aprofundamento de informações. A metodologia empregada é a análise da narrativa em Motta (2013) e análise de conversação em Braga (1994) e Marcuschi (1997).

Palavras-chave: Entrevista. Primeira Pessoa. Televisão.

ABSTRACT

This paper discusses the interview and construction of meanings in a program called “Primeira Pessoa” showed at TVE/RS. Research on this theme takes into account the extent of the genre - talk shows - in today’s world, dialogic and journalistic aspects. Having twenty-two years of existence and the journalist Ivette Brandalise as its host, the program seeks to reveal the personality of its guests coming from various social segments. The objective of this study is to verify the interview potentiality in getting further information about the guests. The methodology includes analysis of narrative from Motta (2013) and conversation analysis from Braga (1994) and Marcuschi (1997).

Key words: Interview. First Person. Television.

INTRODUÇÃO

O gênero programas de entrevista, atualmente, é um segmento que encontra espaço e abrangência nas conjunturas simples e refinadas de emissoras abertas, fechadas e até mesmo na criatividade das emissoras públicas. Seja em âmbito nacional ou em edições diárias regionais, tal programação tem aparecido como um gênero recorrente. Em meio a *talk shows*, debates, informações e entretenimento, o número de segmentos televisivos que usam a entrevista resgatando o sentido de encontro para tratar de assuntos do cotidiano encontra-se em ascensão na atualidade.

Nesse panorama, o programa de entrevistas “Primeira Pessoa” da TVE/RS reuniu por 22 anos entrevistados dos mais variados segmentos sociais, notórios e desconhecidos, com o propósito de extrair-lhes informações da intimidade e revelar-lhes a personalidade. O programa

¹ Mestre em Comunicação e Informação (UFRGS), diplomada em Jornalismo pela Universidade Católica de Pelotas. Integrante do grupo GPTV-Grupo de pesquisa em Televisão e audiência. (UFRGS-PUCRS)

foi cancelado no primeiro semestre de 2015 em vista de mudanças na coordenação e exercício de novos formatos.

No âmbito desse artigo, a perspectiva está em avaliar a entrevista em vista de suas raízes na oralidade televisiva e possibilidades informativas e dialógicas. O propósito é investigar a entrevista do programa quanto ao aprofundamento de informações sobre os convidados. Verificar como imerge no íntimo do entrevistado provocando-lhe o relato de vida e, sobretudo, aprofundando-se no mesmo.

Tal propósito desdobra-se em meio ao crescimento do gênero nos dias de hoje em associação a um contexto de intimidade. Entrevista e âmbito intimista se entrelaçam, muitas vezes, elevando ou não o potencial informativo. Tal conjuntura torna-se evidente em hibridizações como os *talk shows*, mas também em segmentos televisivos que fazem uma retomada do sentido de encontro para tratar de assuntos do dia-a-dia, inclusive no panorama diferenciado das emissoras públicas. Reflexões sobre o gênero programas de entrevista e conversação bem como um resgate histórico do programa compõem um todo a revelar tais possibilidades.

Em termos metodológicos, foi feita uma combinação de duas teorias: a teoria da narrativa em Motta (2006; 2013) e a análise de conversação em Braga (1994) e Marcuschi (1997). Enquanto a primeira teoria aborda os métodos e procedimentos empregados na análise das narrativas humanas, a segunda tem como propósito verificar processos, temáticas, formas de apreensão da informação, relações, interações entre os participantes. Para a pesquisa as duas teorias metodológicas foram reunidas em um plano de ação analítica de três etapas: a visualização da estrutura da entrevista com verificação das trocas globais (análise de conversação) e da construção temática e narrativa (análise de conversação e narrativa); a observação da interação dos interlocutores através das trocas de turnos (análise de conversação) e a verificação dos recursos dramáticos e estratégias argumentativas com efeitos de real e estético (análise de conversação e narrativa).

Apresentam-se resultados de análise de um *corpus* equivalente ao período de 2013 e primeiro semestre de 2014, em um total de 63 entrevistas. Nessa seleção, constatou-se a prevalência de duas áreas gerais de atuação dos convidados: social com a predominância de ativistas sociais, empresários e pesquisadores, seguida da cultural a incluir artistas, cineastas, escritores e diretores de fundações culturais. Observou-se o uso de três abordagens ou formas de ênfase ao entrevistado: pioneirismo, projeção midiática e contribuição social, empregadas como categorias na pesquisa. Em vista de questões temporais e espaciais uma entrevista da categoria

projeção midiática com o violonista Yamandu Costa, veiculada em 19 de agosto de 2013, é utilizada na etapa analítica deste trabalho.

O GÊNERO ENTREVISTA NA TV

Ao lançar-se um olhar para a entrevista, em vista de suas possibilidades, verifica-se na própria etimologia do termo aspectos de sua dimensão interativa:

(...) O termo “entrevista” deriva do verbo “entrever”, empregado pela primeira vez em francês, no século XI, carregando o sentido reflexivo que indicava “ver-se mutuamente”. Como conseqüência, “entrevista” passou a ser empregado como encontro entre duas ou mais pessoas para tratar de qualquer assunto. O termo não possuía um sentido de esclarecimento, mas buscava reproduzir a casualidade dos encontros da vida cotidiana. No século XV, a palavra “entrevista” passou a ser usada como “vislumbre”, “ver imperfeitamente”, sem distinção. (SILVA, 2013, p.5)

Em realidade, o centro interativo da entrevista está a desdobrar-se na importância do outro. O jornalista necessita da cooperação de outra pessoa para produzir a sua matéria. Mais do que isso, requer certa cumplicidade do interlocutor para produzir sentidos. Logo, tem-se a questão da proximidade:

Consiste assim a entrevista em uma aproximação que o jornalista, o pesquisador faz em dada realidade, a partir de um determinado assunto e também a partir de seu próprio olhar, utilizando como instrumento perguntas dirigidas a um ou mais indivíduos. Mas é só isso? Talvez não. (CAPUTO, 2010, p. 78)

Desse modo, a observação da entrevista, em vista do aspecto interativo e de aprofundamento para os interlocutores volta o olhar para um vasto contexto de possibilidades, um ambiente desbravável para os interlocutores, o que a torna um lugar privilegiado de reflexão (VOGEL, 2012).

Muito além do registro informativo, a visão da entrevista como um lugar interativo e para a construção de significados, nos quais ambos participantes do processo se alteram durante a interação tem em Medina (2002) uma interpenetração informativa, um lugar comum para a construção de significados entre entrevistado e entrevistador:

A entrevista, nas suas diferentes aplicações é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode servir também à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. Em todos esses e outros usos

das Ciências Humanas, constitui sempre um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano (...). Ambos os partícipes do jogo da entrevista interagem, se modificam, se revelam, crescem no conhecimento do mundo e deles próprios. (MEDINA, 2002, p. 8)

Em Souza (2004), considera-se a entrevista jornalística como um gênero da categoria informativa ao lado do debate, documentário e telejornal. “Tais programas surgem na televisão como formatos, ou seja, nas características gerais do telejornalismo produzido pelas emissoras, porém, se tornam gêneros em vista do status e amplitude que atingem no mesmo” (SOUZA, 2004, p.153). Na composição dos telejornais brasileiros, a entrevista assim como a nota, reportagem, indicadores econômicos, editorial, comentário e crônica são formatos com possibilidades de expansão (SOUZA, 2004). Desse modo:

(...) Gêneros, tais como a entrevista e o aconselhamento, expandem-se e “geram muitos subtipos ou variantes”. Nessa expansão, o gênero entrevista na mídia assume formatos diversos e, especialmente na televisão, modifica-se, por atualização ou migração de outros meios (por exemplo: rádio, impresso) (...). (FAIRCLOUGH 2001 apud PINHEIRO, 2014, p.278)

Certas análises visualizam os gêneros da televisão como modos de comunicação culturalmente estabelecidos e reconhecidos no seio de determinadas comunidades sociais por constituírem-se em:

- 1). Um conjunto de regras às quais se faz referência (implícita ou explícita) para a realização de processos comunicacionais, do ponto de vista da produção ou da recepção.
- 2). Um conjunto de propriedades textuais e intertextuais que permitem seu reconhecimento como uma entidade comunicativa.
- 3). Um sistema de expectativa para receptores e um modelo de produção textual para emissores. (WOLF, 1984 apud FECHINE, 2014, p.197)

Tentativas recentes dos programas jornalísticos de se fazerem mais próximos dos hábitos cotidianos da audiência tanto na abordagem dos conteúdos quanto estruturalmente (SILVA, 2010), com narrativas de maior proximidade com o espectador e no uso da conversação como estratégia de construção dos programas jornalísticos (SILVA, 2010) evidenciam tal flexibilidade e hibridização dos gêneros e formatos.

Embora a diferenciação da televisão dos demais meios de comunicação pelo tratamento das imagens, que dão substância aos conteúdos, é principalmente por meio do verbal que o veículo efetiva sua relação com a audiência: “A fala, em suas mais variadas formas, é a característica mais marcante da televisão e a conversação assim, aparece como um significativo

desdobramento das múltiplas formas de falar que a televisão pode empregar” (CORNER, 1999 apud SILVA, 2010, p.24). Para Morin (2001): “A palavra pela primeira vez, graças à técnica da televisão pode ser dirigida a um desconhecido, repercutida e transmitida a milhares de pessoas” (2001.p.79).

Além de tais aspectos, a disponibilidade da TV para o discurso oral acabou por sediar o veículo em modelos mais simples e superficiais como os *talk shows*: “Assim com também a preservação e ressurgimento de formas antigas e discursivas vitais fundadas no diálogo como o depoimento oral, a entrevista, o debate, o discurso do âncora” (MACHADO, 1999, p.145). Além de se resumirem a formas menos custosas e problemáticas para a transmissão ao vivo e acelerados processos de produção. Assim, na televisão o diálogo pode assumir formas de entrevista, debate, mesa redonda e até mesmo monólogo (MACHADO, 1999).

Na televisão brasileira, segundo Silva (2013), foi no período de 1969-1974 em que cresceu o número de programas que usavam a entrevista resgatando o sentido de encontro para tratar de assuntos cotidianos. Foi o enrijecimento do regime e aumento da censura que levou a uma nova postura desse tipo de programação até então mais ligada a temáticas e convidados políticos (SILVA, 2013). Ela ressalta com base nos seus estudos de telejornalismo e cultura, o momento de ascensão de segmentos em que o debate passou a estar mais ligado ao prazer e cotidiano na televisão brasileira:

A valorização do entretenimento, do prazer e da subjetividade após os anos sessenta e o processo de redemocratização reconfiguraram a própria lógica televisiva brasileira permitindo o surgimento de novos formatos que misturavam o debate dos assuntos sérios, encontrado residualmente em certos programas, ao debate mais ligado ao prazer e à subjetividade, elemento emergente na cultura televisiva. (SILVA, 2008, p. 10)

Foi nesse contexto que surgiu na década de oitenta o programa de entrevistas comandado por Marília Gabriela que seria condicionante para muitos outros do gênero, nas décadas seguintes, tornando sua apresentadora um ícone no estilo. “Era o *TV Mulher* que discutia relações de gênero e colocava o novo papel que a mulher deveria assumir na sociedade” (SILVA, 2008, p. 10).

DIÁLOGOS, NARRATIVAS E SIGNIFICADOS

Compreende-se, assim, a entrevista com bases na conversa. Para a ocorrência dessa conversa franca e aprofundamento da discussão o interlocutor, mais especificamente na figura do

jornalista, deve estar atento a recursos como: “escuta, relação com o entrevistado, a formas de perguntar e intervir (...). Técnicas como a percepção da linguagem não verbal, a atuação improvisada e o questionamento de pontos contraditórios (...)” (RUELA, 2012 apud FECHINE, 2014, p. 277). É o que Caputo (2010) ilustra em vista de meta entrevista com Sodré:

Se perguntar é tão fundamental ao jornalismo e para as pesquisas, “a arte de saber ouvir”, como bem disse Sodré, a relação com esse ofício não pode ser qualquer uma. Podemos estragar nossas perguntas de duas formas. Quando buscamos “arrancar” algo do entrevistado e quando nos impregnamos de arrogância e perguntamos imaginando saber as respostas ou apenas para comprovar nossas próprias opiniões e teses sobre um assunto. (CAPUTO, 2010, p.199)

Em Marcuschi (1997), a entrevista aparece como um tipo de *diálogo assimétrico*, pois, um dos participantes tem o direito de iniciar, orientar, dirigir e concluir a interação e exercer pressão sobre outro (s) participante (s). Enquanto nos *diálogos simétricos* todos têm os mesmos direitos de pergunta e resposta. “Contudo, são evidentes as interferências das condições socioeconômicas, culturais e de poder num desequilíbrio da condição igualitária de participação no diálogo” (MARCUSCHI, 1997, p.16).

Em um resgate histórico do termo, pode-se afirmar o surgimento do diálogo como gênero, na Grécia antiga, a partir, principalmente do método socrático que serviu como modelo para grandes dialogistas. “Para Sócrates, no entanto, o diálogo, não era apenas uma forma, mas, todo o alicerce de uma cosmovisão filosófica que acredita na natureza dialógica da verdade” (BAKHTIN, 1981 apud MACHADO, 1999, p.146). Cabe uma breve descrição:

Sócrates colocava as pessoas umas diante das outras e fustigava ao debate. Atento, sobretudo às oposições e contradições, ele conduzia os debatedores a encarar as questões sobre todos os ângulos, mas sem jamais propor um caminho ou induzir a uma conclusão final (...). O diálogo socrático utilizava vários métodos, dois dos quais os mais importantes a *síncrise* e *anácrise*. Entendia-se por *síncrise* a confrontação de dois ou mais pontos de vista sobre um mesmo assunto (...). *Anácrise*, por sua vez, era o nome que se dava ao método de provocar a palavra do interlocutor (...). (MACHADO, 1999, p.146)

Portanto, tudo na entrevista depende de uma “alteração entrevistador entrevistado, pequeno campo fechado no qual se vão confrontar ou associar gigantescas forças sociais, psicológicas e afetivas” (MORIN, 2010, p.67). A entrevista envolve uma interação verbal com a ocorrência de, pelo menos, uma troca de turno entre os falantes:

A entrevista é um evento conversacional e, por isso, observa as características da própria conversação: é uma interação verbal centrada

em dois ou mais participantes que observam a troca de, pelo menos, um turno em sua comunicação, esta desenvolvida em uma seqüência de ações coordenadas (...). (CUNHA, 2012, p.97)

Tais similaridades entre entrevista e conversa tem suas origens no que se pode considerar um gênero básico da interação humana:

A conversação é a primeira das formas de linguagem a que estamos expostos e provavelmente a única da qual nunca abdicamos pela vida afora (...). Em suma, além de “matriz para a aquisição da linguagem” a conversação é o gênero básico da interação humana. Tais observações, além de sugerirem que a linguagem é de natureza essencialmente dialógica, realçam o princípio fundamental do caráter par da linguagem, ou seja, quando conversamos, normalmente o fazemos com perguntas e respostas ou então com asserções e réplicas. (GOFFMAN, 1976 apud MARCUSCHI, 1997, p. 14)

Deste modo, tem-se a conversação como uma interação verbal centrada que se desenvolve durante o tempo quando dois ou mais interlocutores voltam sua atenção visual e cognitiva para uma tarefa comum. Observa-se, contudo, a distinção de papéis a estabelecer diferenças entre conversa e entrevista. Enquanto na primeira, as regras para mudança de turno são mais flexíveis e há mais simetria na interlocução, na entrevista a predeterminação dessas regras é grande e decisiva (VOGEL, 2012).

Nos estudos de Silva (2008; 2010; 2013), a partir de uma perspectiva histórico-social, a conversação aparece como estratégia de construção de programas jornalísticos de TV. Presente desde a proposta estrutural da televisão até formatos específicos de programas, a conversação tem se institucionalizado como entrevista ou debate em vista da vinda dos *talk shows* norte-americanos, espalhando-se pelo resto do mundo. Embora os estudos e pesquisas sobre a conversação somente tenham surgido na década de sessenta do século XX, ela define-se como uma prática antiga que se formou junto com a linguagem desde os povos primitivos há 50 mil anos em seu desenvolvimento da fala (SILVA, 2010).

Do mesmo modo, a forma narrativa está fortemente atuante na mídia. “O fato de homens e mulheres viverem narrativamente o mundo que constroem torna esta um recurso de linguagem extremamente hábil para jornalistas (...) roteiristas e publicitários” (MOTTA, 2013, p. 91). É inegável a atração pelas técnicas narrativas nas quais a presença do imaginário e subjetivo encontram mais possibilidades (MEDINA, 2002).

Narrativas factuais ou imaginárias pulverizam o campo das mídias. “Enquanto as primeiras procuram estabelecer relações lógicas e cronológicas das coisas físicas e das relações

humanas reais, as narrativas ficcionais procuram estabelecer relações lógicas e cronológicas das coisas imaginadas ou fictícias” (MOTTA, 2013, p.89). Nesse cenário segundo Motta (2013): notícias, reportagens, entrevistas, documentários, transmissões ao vivo entre outros estariam entre as factuais. Filmes, novelas, anúncios narrativos estariam entre os fictícios, ou, muitas vezes em formações híbridas.

Logo, os relatos ou estórias dos entrevistados prescindem de um olhar pelo âmbito das narrativas, pois, tal direcionamento evidencia-se em vista da inata predisposição do ato de narrar e importante correlação das narrativas com o âmbito dialógico. Ao relatar continuamente os interlocutores criam argumentativamente narrativas e meta narrativas, tramas valorativas e normativas que proporcionam marcos e sequências outorgando significados de fundo aos incidentes relatados na superfície (MOTTA, 2013). Desse modo a interação dialógica e as narrativas revelam-se em fatores diretamente proporcionais:

A interpenetração informativa mencionada por Medina (2008) não permite que a entrevista seja considerada apenas como registro, mas como um lugar interativo para a construção de significados. Segundo a socióloga Margaretha Järvinen (2003), a narrativa dos entrevistados é influenciada pela interação social que acontece durante a entrevista. A atitude e a interpretação do entrevistador em relação à narrativa do entrevistado fazem com que este as balance, reordenando e reconfigurando o que fala. (CUNHA, 2012, p.85)

O PROGRAMA PRIMEIRA PESSOA

Com mais de duas décadas de existência, o “Primeira Pessoa” é um programa de entrevistas de densa trajetória na emissora pública gaúcha TVE/RS. Fundada oficialmente, em 1974, a TVE/RS está vinculada à categoria educativa, ligada à Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul. Atos pioneiros constam no seu registro como, por exemplo, ser a primeira emissora do país a possuir uma unidade móvel para transmissões ao vivo fora dos estúdios e a entrar na fase de digitalização em 1998.

Dentre suas metas está promover uma comunicação democrática e que propicie o acesso à informação, educação e cultura estimulando a reflexão crítica da realidade no compromisso e incentivo à participação social; refletindo sua diversidade, expressões e anseios. Assim como também uma programação voltada para a integração, inclusão social, pluralidade, diversidade e valorização das culturas regionais e a identidade nacional. Na programação “Frente a Frente”, “Cidadania”, “Mídia em debate” e “Primeira Pessoa” compõem os diversificados formatos de entrevista.

Apesar do cancelamento no primeiro semestre de 2015, o “Primeira Pessoa” atuou por 22 anos no cenário televisivo regional. Enquadramentos de câmera em planos próximos evidenciavam os interlocutores. Longe da ornamentação de certos cenários televisivos, a simplicidade predominava: entrevistado posicionado em frente ao entrevistador sob um fundo preto, sem itens decorativos. Entre eles uma mesa retangular apenas.

Sob o comando da jornalista Ivette Brandalise, o *slogan* de abertura da entrevista: “Hoje vamos conjugar verbos na primeira pessoa com (...)” A seguir, um breve resumo da vida do entrevistado para o alerta do espectador. Três blocos, na média de 17 a 18 minutos cada, é o tempo que o entrevistado tinha para ser interpelado pela apresentadora e mostrar quem era. O objetivo, então, era revelar a personalidade dos convidados com destaque na sociedade, especialmente por sua atuação profissional. Como no senso comum, o termo personalidade assumiu sinônimo de conjunto de características marcantes sobre uma pessoa.

O programa, assim, selecionava nomes que se destacavam colocando-os em primeira pessoa. O “Primeira Pessoa” teve início em 1993, com o convidado, o artista plástico Iberê Camargo. No histórico dos entrevistados, os mais variados segmentos sociais: políticos, escritores, jornalistas, esportistas, artistas, de relevância local, regional ou internacional. Na lista de convidados nomes como Esther Grossi, Yamandu Costa, Sebastião Salgado; passando por pioneiros não em voga nos meios de comunicação como Allan Lopes; o primeiro geobiólogo do Brasil até eleitos cuja própria história de vida sinalizavam o aceite para a produção. A multiplicidade de perfis, reunidas nas escolhas e propostas do programa, evidencia, assim, uma pluralidade característica em sua caminhada.

A apresentadora Ivette Tereza Brandalise Mattos, conhecida Ivette Brandalise é formada em jornalismo, psicologia e artes dramáticas. Iniciou como apresentadora no rádio, na década de 60, exercendo notória carreira também em impresso e TV, em Porto Alegre. Alcançou grande reconhecimento com suas crônicas no extinto Jornal “Folha da Tarde”. Consolidou-se como apresentadora e no comando de produções de longevidade e notoriedade na mídia gaúcha, em atividade até hoje. Na atualidade, mantém a carreira de psicóloga em paralelo a de jornalista e apresentadora do programa: “Músicas que fizeram sua cabeça” na rádio FM Cultura.

A composição do espaço físico do “Primeira Pessoa” se estabelecia em uma simplicidade cenográfica. Fundo escuro, mesa retangular, ausência de itens decorativos e interlocutores posicionados frente a frente. Algumas peculiaridades do programa destacavam-se inicialmente. A celebridade que em muito ocupa tradicionais programas de entrevista na TV não era condicionante para a participação no programa. A primeira pessoa do “Primeira Pessoa” tinha

que ter dado uma contribuição à sociedade ou se fazer notar por uma proposta ou descoberta. O propósito maior do programa estava, assim, em mostrar ao espectador quem o entrevistado era.

A apresentadora não usava ponto, nem *teleprompter* durante a entrevista. Conduzia o tempo de cada bloco praticamente sem interrupções, considerando alguma ou outra ruptura no processo de gravação por razões técnicas. A produção intervinha nos breves intervalos de 2 a 3 minutos entre um bloco e outro quando necessário. A brevidade do intervalo era mantida na preocupação com o fluxo da conversação.

A entrevistadora também evitava o contato com o entrevistado antes da entrada no estúdio, a ocorrer somente nos 5 minutos que antecediam o início das gravações. Seu preparo consistia na leitura de material prévio sobre o mesmo, porém, sem perguntas estruturadas. O programa era assim gravado praticamente na íntegra.

A ENTREVISTA NO PRIMEIRA PESSOA

Esta etapa do trabalho foi realizada com base na observação e acompanhamento do *corpus* de pesquisa referente aos programas dos anos de 2013 e primeiro semestre de 2014. Serão apresentados, com base na análise da narrativa em Motta (2013) e análise de conversação em Braga (1994) e Marcuschi (1997), resultados de um programa realizado com o violonista, Yamandu Costa¹, exibido em 19 de agosto de 2013.

Para uma melhor compreensão, a análise, com base em uma proposta combinatória das metodologias referidas foi organizada em três momentos: a) trocas globais; b) estruturação temática e narrativa e c) trocas de turnos. Primeiramente foi observada a estruturação geral da entrevista com abertura, troca de blocos e encerramento. Posteriormente foi analisada a composição de temas e narrativa geral para, por fim, a verificação de como procedia a troca de turnos entre os interlocutores.

a) trocas globais

A abertura ou apresentação do músico dá um grande enfoque nas raízes musicais do violonista, com uma interpretação a fazer correlação entre a sua precoce familiarização musical e o reconhecimento internacional.

Observa-se ênfase de entonação nas palavras: gerado, embalado, nutrido (em caixa alta) e a própria escolha e seqüência gradativa desses termos a valorizar a questão da criação musical:

Boa Noite. Ele é fruto da relação entre dois integrantes do conjunto musical Os fronteirços ((créditos Ivette Brandalise)) ((mãos entrelaçadas e gesticulando)). Ela, cantora, Clari Costa.

¹ Natural de Passo Fundo/RS, o violonista Yamandu Costa é um dos mais destacados instrumentistas brasileiros no cenário internacional. Outros entrevistados como o arcebispo Dom Dadeus Grings, a escritora Veralindá Menezes, o ator Leonardo Medeiros, a educadora Petronilha Gonçalves, os ativistas sociais José Carlos Rodrigues e Clara Charf também integram o *corpus* da pesquisa.

Ele, multi-instrumentista e professor de música (Algacir) Costa. Bom foi um nenê GERADO, EMBALADO, NUTRIDO com música. Conclusão: hum, música, a própria música. Ele é um músico reconhecido internacionalmente aplaudido, várias vezes premiado, e é com ele. Com Yamandu Costa que nós vamos conjugar verbos na primeira pessoa ((enquadramento em Yamandu)) (BRANDALISE, 19/08/2013).

Logo, verifica-se, também, o *slogan*: Hoje nós vamos conjugar verbos com (...) que comumente aparece ao final do processo de apresentação, desta vez no início, a revelar logo quem é o convidado do programa.

Na seqüência da apresentação, o roteiro é lido pela apresentadora trazendo um resumo biográfico da infância e adolescência de Yamandu até as primeiras premiações. Nota-se destaque na expressão **desde sempre**, novamente com valorização das raízes musicais e do tempo cronológico do artista enfatizando as idades de sete e dezessete anos como períodos demarcatórios e também de precocidade do mesmo.

No encerramento do programa confirma-se também uma atmosfera de gentileza entre os interlocutores, antecedida por uma seqüência de turnos de muita descontração com gargalhadas entre ambos. Como ocorre, normalmente, verifica-se processo de agradecimento, felicitação e emprego da palavra sucesso pela entrevistadora. Contudo, antecidos pela atribuição de reconhecimento ao artista e demonstração de satisfação de ambos com a entrevista:

(Ivette) E tu disseste que hoje a gente tem essa coisa meio ufana de ser brasileiro, e eu acho muito bacana pra nós gaúchos te ter como gaúcho ((apontando para entrevistado)).

(Yamandu) Ahn que bom.

(Ivette) Eu quero te agradecer muitíssimo por essa entrevista. Adorei conversar contigo!

(Yamandu) Obrigada, a você. Foi um prazer, ó enorme (BRANDALISE, 19/08/2013)!

b) estrutura temática e narrativa

Em vista dos assuntos abordados e desenvolvidos, convém destacar três temáticas predominantes ao longo da estrutura do programa: a formação musical de Yamandu; aspectos pessoais como sua interação familiar, hábitos; e a sua atuação internacional.

Pode-se dizer que no primeiro segmento a temática pessoal com enfoque familiar recebe maior espacialidade seguida da formação musical. Relatos como influência do pai, convívio musical com esposa e a experiência com orquestras foram narrativas desdobradas nesse primeiro segmento.

c) trocas de turnos

O início das trocas de turnos se dá em clima de descontração introduzida por comentário brincalhão do convidado sobre o texto de apresentação:

(Yamandu) Nossa! Eu to cansado ((risos)).
(Ivette) Éhhh?((risos)) E eu disse pouquíssimo!
(Yamandu) Você falou tanta coisa ((risos)) que eu fiquei cansado ((risos))
(BRANDALISE, 19/08/2013).

O primeiro questionamento assim como nas demais entrevistas incide sobre o nome do convidado, nesse caso, mais especificamente a respeito da pronúncia:

(Ivette) Ahn, primeira coisa, eu uma vez entrevistei tua mãe quando ela lançou o disco em dois mil e doze. Ela lançou o disco e ela fala em ti como Yamandu ((soando Diamandu)).
(Yamandu) Yamandu ((soando Diamandu)).
(Ivette) Como é que tu te dizes (BRANDALISE, 19/08/2013)?

Intervenções e comentários em meio aos episódios sem a conclusão efetiva do turno do entrevistado também contribuem para o desenvolvimento dos relatos. Além disso, intervenções localizadoras da narrativa pela entrevistadora também contribuem para o aprofundamento dos assuntos. Ex: como em episódio da subtemática *Improvisação musical na infância*, bloco 2, em que conta quando ficou sozinho no palco para improvisação, aos seis anos de idade:

(Yamandu) A gente tava tocando ((fazendo como se estivesse tocando)) num restaurante. Aquela coisa de gaúcho, né? Que tem toda aquela migração da gauchada ((mãos indicando movimento pra frente adiante)) que vai trabalhar em churrascaria.
(Ivette) Mas em Maceió?
(Yamandu) Em Maceió. Sim, a gauchada. Gaúcho e mineiro tem em todo o canto do mundo. É uma coisa assustadora!

(Ivette) Quer dizer os fronteirizos viajavam Brasil a fora?
(Yamandu) Sim, Os Fronteirizos deram a volta no país algumas vezes (...)
(BRANDALISE, 19/08/2013).

Momentos entre os interlocutores com frases breves, inserção de comentários de Ivette e intervenções na fala do entrevistado a reproduzir um ambiente mais livre nas regras conversacionais também ocorre. No terceiro bloco, observa-se uma movimentação mais interpretativa por parte da entrevistadora a retomar aspectos da narrativa, principalmente microconflitos apresentados. E a busca por reflexão em torno de questões universais e nacionais da área musical através da visão do músico. Considerando a projeção do artista no cenário musical é solicitada sua visão avaliativa em torno de questões gerais e nacionais no âmbito da música:

(Ivette) Como é que tu acompanhas hoje o surgimento e a existência de violonistas pelo mundo?
(Ivette) Pois é, os talentos estão aparecendo com frequência aqui no Brasil?
(Ivette) E as escolas de música tem formado bons violonistas? Ou tem formado acadêmicos?
(Ivette) E além do violão tu acompanhas a música que acontece em termos de Brasil (BRANDALISE, 19/08/2013)?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista do que foi apresentado é possível verificar uma multiplicidade de indicadores do programa, da postura da entrevistadora e da interação entre entrevistado e entrevistador a constituir o processo de formação de significados da entrevista. Esses fatores se entrelaçam em meio a um universo de construções valorativas, exploratórias, temáticas e narrativas.

Por meio da análise e interpretação dos dados, percebe-se na estrutura geral do programa regularidade nas trocas globais. A apresentação tem introduções a enfatizar aspectos do percurso de vida do convidado sempre fazendo uso de referencialidade para a projeção do mesmo. A troca de blocos mantém a estratégia de expectativa e o encerramento ocorre com cordialidade, felicitações e recomendação de sucesso por parte da entrevistadora.

Em torno da estrutura temática, reconhecem-se subdivisões e predominância de temas centrais. Percebe-se movimentação em torno da seguinte abordagem nos três blocos: vida profissional do entrevistado, vida pessoal e desdobramento de reflexões sociais em torno de sua área de atuação. Em vista da estrutura narrativa, verifica-se a delimitação de pessoas importantes na trajetória do participante com identificação de personagens, episódios e microconflitos. A

atenção às trocas de turnos também revela movimentos organizatórios por parte da entrevistadora através de questionamentos que ora são responsáveis pelas mudanças de temáticas ora pelo desenvolvimento das mesmas.

Destaca-se no terceiro bloco maior movimento interpretativo dos relatos com a retomada de conflitos da narrativa do entrevistado e também no tensionamento de aspectos pessoais do mesmo e de problemática referente à área abordada. No caso dessa entrevista, as questões mercadológicas e educativas do cenário musical.

A apresentadora dispõe de amplo uso de aparatos lingüísticos a contribuir para o aprofundamento dos relatos. Pontuações e pausas verbais acompanhados de gestual assim como observação, retomada e interpretação das narrativas dos entrevistados, articulação e emprego de ênfases tonais em vista da voz como um grande marcador conversacional são recursos empregados para exploração da oralidade televisiva. Do mesmo modo, sua atuação e formação revelam uma trabalhada postura interventora: graduação em jornalismo, artes dramáticas e psicologia, além da vasta experiência em rádio, TV e impresso e atuação como cronista.

A entrevista, assim, nascente da matriz oral televisiva, vai gerando alternância, informação e reflexão na interpenetração informativa de seus interlocutores a construir significados. A entrevista no “Primeira Pessoa”, programa que propõe um recorte espacial e temporal intimista, tem movimentos de diálogo, conversação que contribuem para o aprofundamento de informações sobre o entrevistado, em maior incidência na compreensão de seu relato de vida. Flui entre premissas jornalísticas e a flexibilidade das trocas de turnos do ambiente de conversa com improvisações, observações e comentários. O objetivo de revelar a personalidade dos convidados acaba por trazer aspectos pessoais desses, entretanto, a compor uma das abordagens. O entrevistado é exemplo a agregar conhecimento, mas, também testemunho conector de ampla reflexão social.

REFERÊNCIAS

BRAGA, José Luiz. **Sobre a conversação**. In: FAUSTO NETO, Antonio; DAYREL, Sérgio; BRAGA, José Luiz (orgs.). *Brasil- Comunicação, Cultura e Política*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994, p. 289-308.

BRANDALISE, I. **Vozes do Rádio: entrevista** [9 de junho, 2011]: Porto Alegre: Famecos/ PUCRS. Entrevista concedida a Alessandro Zir e Katia Aguiar. Disponível em: <<http://eusoufamecos.uni5.net/vozesdoradio/vozes/vozes/i/ivete-brandalise/feed/>>. Acesso em 30 de novembro de 2014.

CAPUTO, Stela Guedes. **Sobre entrevistas**. Petrópolis: Vozes, 2010.

CUNHA, Maria Jandyra Cavalcanti. **Estratégias, Procedimentos e Formatos**. In MAROCCO, Beatriz (org.). *Entrevista na prática jornalística e na pesquisa*. Porto Alegre: Libretos, 2012.

FECHINE, Yvana. **Televisão, digitalização e produção de conteúdos: a importância dos gêneros**. In SEIXAS, Lia; PINHEIRO, Najara (orgs.). *Gêneros, um diálogo entre Comunicação e Linguística*. Florianópolis: Insular, 2014.

MACHADO, Arlindo. **Pode-se falar em gêneros na televisão?** Porto Alegre: Revista Famecos nº 10, junho de 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1997.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista o diálogo possível**. São Paulo: Ed.Ática, 2002.

MORIN, Edgar. **Da entrevista no rádio e na televisão**. In: *As duas globalizações – Complexidade e Comunicação uma pedagogia do presente*. Porto Alegre: Sulina, EDIPUCRS, 2001, p.61-79.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

PINHEIRO, Najara. **Bate-Papo: um formato do gênero entrevista na TV**. In SEIXAS, Lia; PINHEIRO, Najara (orgs.). *Gêneros um diálogo entre comunicação e linguística*. Florianópolis: Insular, 2014.

SILVA, Fernanda Mauricio. **Entrevista no telejornalismo: configurações históricas da vigilância em programas de entrevista**. São Paulo: Revista Rumores nº14, v 7, julho-dezembro de 2013.

_____. **A conversação como estratégia de construção de programas jornalísticos televisivos**. Bahia, UFBA 2010. Tese de Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, 2010.

_____. **“Conversa leve” e “embate intelectual” : Marília Gabriela entrevista**. In Colóquio sobre televisão, Bahia: 2008. Disponível em: <<http://www.tvereadidade.ufba.br>>. Acesso em 23 de junho de 2014.

SOUZA, José Carlos Aronchi. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

VOGEL, Daisi. **A entrevista, um traçado aberto**. In MAROCCO, Beatriz (org.). *Entrevista na prática jornalística e na pesquisa*. Porto Alegre: Libretos, 2012.